

MENSURAÇÃO DO ATIVO INTANGÍVEL

Valéria Mantovani ¹, Maria Auxiliadora Antunes C. Souza ²

^{1,2} Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP / Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas - FCSA
^{1,2} Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova - CEP 12.244-000 São José dos Campos - SP
¹ valeriamantovani@hotmail.com ² macs-antunes@ig.com.br

Resumo - A proposta deste trabalho é demonstrar a necessidade de se buscar a harmonização das práticas contábeis, sintonizadas com a expectativa dos empreendedores, e procurar estimular os contadores a desenvolverem mecanismos que permitam valorizar e mensurar, nos balanços, o valor do capital intelectual. Com os problemas enfrentados com a padronização das Normas Contábeis, em nível global, também surgirão problemas na padronização de um modelo que evidencie e mesure o Capital Intelectual das entidades. Resultantes da relação cada vez mais distante entre os valores contábeis e de mercado das organizações, centrando esse diferencial no Capital Humano ou Intelectual, o desafio que se antepõe a toda classe contábil é a mensuração desse ativo, extremamente volúvel e intangível. Para a contabilidade, os grandes desafios são os da identificação, mensuração e respectiva contabilização desse Ativo Intangível. Mas, como mensurar contabilmente o Capital Intelectual?

Palavras-chave: Ativo Intangível, Capital Intelectual, Mensuração e *Goodwill*

Área do Conhecimento: VI Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

O capital intelectual é uma realidade da qual não se pode mais fugir. A sua influência na gestão empresarial fez surgir um novo código de comportamento e uma nova atitude em relação a ele. Praticamente todas as áreas do conhecimento sofrem seus reflexos.

Assim, os administradores estão preocupados com aspectos relacionados à criação, socialização, transferência, internalização e expansão do conhecimento. Os economistas, por sua vez, estão preocupados com o valor econômico proveniente do conhecimento, que passou a ser o principal fator de produção na economia moderna, juntando-se aos tradicionais fatores: terra, mão-de-obra e capital financeiro. Segundo Peter Drucker, importante teórico da administração, o conhecimento não é mais *um* recurso, e sim o recurso, o que demonstra a supremacia desse recurso em relação aos demais.

Já os contadores estão preocupados em identificar, mensurar e avaliar o efeito do capital intelectual sobre o patrimônio das organizações. O principal componente envolvido no capital intelectual é o conhecimento. Entretanto, o conhecimento não é um tema novo; é um tema ancestral, tratado por Platão, Aristóteles e inúmeros outros filósofos que os sucederam. Afinal de contas, o que mudou? O que mudou foi a ênfase atual. Novo é reconhecer o conhecimento como um importante ativo corporativo e entender a necessidade de administrá-lo e cercá-lo com o mesmo cuidado dedicado aos ativos mais tangíveis.

Os ativos intelectuais tornaram-se os elementos mais importantes no mundo dos negócios. A necessidade de extrair o máximo de

valor do conhecimento organizacional é maior agora do que no passado. Cada vez mais, líderes e consultores de empresas falam do conhecimento como o principal ativo das organizações e como a chave da vantagem competitiva sustentável. De nada adianta ativos materiais de alta tecnologia se as pessoas não tiverem o conhecimento necessário para fazê-los funcionar adequadamente. Alguns exemplos bem conhecidos confirmam essa mudança de comportamento:

1. A Microsoft, empresa de Bill Gates e Paul Allen, é muito mais capital intelectual do que capital físico. O seu valor de mercado corresponde a cem vezes o valor do seu ativo tangível.

2. A compra da Lotus pela IBM, em 1995. A IBM pagou US\$ 3,5 bilhões (14 vezes a avaliação contábil de US\$ 250 milhões). O ágio de 3,25 bilhões, pago pela IBM, representa sua avaliação monetária do conhecimento exclusivo do Notes e de outros aplicativos. A crença implícita da IBM é a capacidade que a Lotus tem de conhecimento, o que agrega mais valor do que qualquer avaliação puramente financeira pode demonstrar. Os investidores estão investindo no capital intelectual e não no capital físico.

A diferença entre o valor contábil e o valor pago na compra de uma empresa vem sendo contabilizada como *goodwill* (fundo de comércio), uma denominação bastante genérica e pouco esclarecedora. Segundo Stewart (1998), essa diferença normalmente corresponde aos ativos intelectuais. Normalmente, o *goodwill* refere-se a ativos intangíveis, mas de existência de mais fácil comprovação, como as marcas e patentes que representam apenas parte do capital intelectual, pois para aqueles a legislação de propriedade intelectual contribui para sua proteção e avaliação.

Todos esses fatos levam a crer que o modelo "tradicional" de contabilidade não tem acompanhado o ritmo de mudanças do mundo econômico, deixando de reconhecer os efeitos patrimoniais que a nova dinâmica organizacional apresenta, baseada em estratégias, parcerias, trabalhos de equipe, recursos de multimídias e recursos intelectuais. O valor contábil, como referencial econômico-financeiro das organizações modernas, está desatualizado, não diagnosticando eficientemente o patrimônio empresarial, principalmente o das empresas do conhecimento, e, dessa forma, não atingindo a finalidade maior da contabilidade: a informação com qualidade.

O grande responsável por essa defasagem contábil é o conjunto dos recursos intelectuais que correspondem aos ativos mais valiosos encontrados nas empresas e que não vêm sendo levados em conta pela contabilidade. A questão não é o desconhecimento, ou mesmo o desprezo, dessa nova realidade, pelos contadores, e sim a dificuldade de se encontrar uma metodologia segura e adequada para mensurar e avaliar esse novo recurso econômico, gerador de riqueza, diante da sua natureza intangível.

Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo foi a análise da documentação direta, por meio de pesquisa bibliográfica, complementada por informações retiradas de *sites* da Internet, entrevistas publicadas em revistas especializadas e outros artigos já escritos sobre o assunto, mesmo por que outro tipo de metodologia não poderia ser aplicada uma vez que o assunto se encontra, ainda, em discussão, sem haver um consenso entre os estudiosos.

Resultados

Os ativos intangíveis, como as qualificações dos funcionários, a tecnologia da informação e os incentivos à inovação, por exemplo, podem desempenhar papel preponderante na criação de valor para a empresa. Os sistemas tradicionais de mensuração, porém, não foram concebidos para lidar com a complexidade desses ativos, cujo valor é potencial, indireto e dependente do contexto.

O fato de que os ativos intangíveis são verdadeiramente valiosos ainda não convenceu um bom número de pessoas, para as quais aquilo que não é contabilizado não possui valor. Os ativos baseados no conhecimento devem ser avaliados com extrema cautela, porque seu impacto sobre o destino de qualquer negócio é tremendo. E este é um dos grandes problemas da Contabilidade: mensurar este *goodwill*, pois existe muita especulação quanto à supervalorização de empresas. De acordo com Edvinsson & Malone

(1998), a lacuna existente entre as informações refletidas nos balanços patrimoniais e a percepção do mercado em relação às empresas está se tornando um verdadeiro abismo.

Discussão

Mas como mensurar contabilmente o Capital Intelectual, ou seja, ativo intangível?

Dentro do Ativo se encontra o grupo dos Ativos Intangíveis, que está sendo abordado neste trabalho. A palavra tangível tem sua origem no latim "tango", que significa algo que pode ser tocado. Inversamente, intangível é algo que não pode ser tocado, ou que não tenha existência física. Na contabilidade, o Ativo Intangível representa um elemento sem substância física, mas com valor econômico, como, por exemplo, patentes, marcas, direitos autorais, *goodwill*, e Capital Intelectual, entre outros.

O Prof. Sérgio de Ludícius (1998, p.195), diz que intangível é definido como "um ativo de capital que não tem existência física, cujo valor é limitado pelos direitos e benefícios que antecipadamente sua posse confere ao proprietário". Portanto, os Ativos Intangíveis, ou Incorpóreos ou Ativos Invisíveis, são bens que não se pode tocar, pegar, e passaram a ter grande relevância a partir das ondas de fusões e incorporações na Europa e nos Estados Unidos.

Assim, esses ativos são muito discutidos no mundo contábil em relação à sua mensuração, principalmente por ser a essência dos elementos que hoje formam o valor real da entidade; e, como observa Martins (1972, p.54): "Talvez a característica mais comum a todos os itens do Ativo Intangível seja o grau de incerteza existente na avaliação dos futuros resultados que por eles poderão ser proporcionados." Em outras palavras, a falta de objetividade.

Pode-se entender que capital humano também é um ativo intangível, que pode ser classificado em três elementos distintos:

Estrutura interna: pode ser compreendida como cultura e espírito organizacional, sendo que os funcionários se comportam de acordo com cada ambiente de trabalho, que se define em seus modelos de sistemas de administração, que vem ser o modo de como a empresa funciona.

Estrutura externa: são as relações externas com clientes e fornecedores, que vem a ser a relação entre atender, o suporte técnico, a manutenção e as marcas registradas que representam a reputação ou imagem da empresa.

Competência humana: é a capacidade de as pessoas agirem criando situações que ajudem a desenvolver ativos intangíveis, como, por exemplo, a capacidade de resolução de problemas e domínio do assunto no qual trabalha.

Para Antunes (1999, p. 94), o conceito de Capital Intelectual é

"(...) uma combinação de ativos intangíveis, fruto das mudanças nas áreas da tecnologia da informação, mídia e comunicação, que trazem benefícios intangíveis para as empresas e que capacitam o seu funcionamento, classificados em: Ativos de Mercado, Ativos Humanos, Ativos de Propriedade Intelectual e Ativos de Infra-Estrutura."

Já para Stewart (1997, p.08), é a soma de conhecimento de todos em uma empresa, o que lhe proporciona vantagem competitiva. Constitui a matéria intelectual, experiência que pode ser utilizada para gerar riqueza.

Se a própria definição de Capital Intelectual ainda não está muito bem consolidada, quanto mais a sua mensuração e contabilização no campo objetivo da contabilidade. Em todo o mundo, as demonstrações das situações patrimoniais das empresas deixaram de representar uma realidade. Isto se comprova quando se tem que vender uma empresa ou ceder parte do capital a terceiros. É comum a diferença entre os dados oficiais legais e a realidade das riquezas.

Para atender essa questão, a ciência da contabilidade tem desenvolvido estudos no sentido de fixar condições de apuração das coisas "imateriais". Para isto, é preciso que existam ferramentas disponíveis aos contadores para mensurar e contabilizar o Capital Intelectual. É claro que, por se tratar de um ativo intangível, torna-se difícil a mensuração do capital intelectual em virtude de sua subjetividade. A contabilidade deve ser um reflexo da realidade, mesmo em se tratando de bens intangíveis.

Mas, a subjetividade de mensurar o capital intelectual não pode ser um obstáculo para que os profissionais da área contábil não o reconheçam. O modelo "tradicional" de contabilidade, que descreveu as operações que se passaram nas organizações durante meio milênio, não está mais conseguindo corresponder com tanta firmeza às mudanças que vêm ocorrendo. Os demonstrativos contábeis mostram-se cada vez mais obsoletos, para acompanhar as organizações modernas. A incapacidade do modelo contábil atual para refletir corretamente o impacto dos intangíveis na situação presente e futura da empresa decorre da razão de que as demonstrações contábeis encontram-se incapazes de refletir a imagem fiel da posição financeira da empresa.

Tal incapacidade se deriva da intervenção das normas e leis no sistema contábil, e foi gerada de fontes que nem sempre estão preocupadas com os princípios científicos da contabilidade. Entretanto, ocorre que muitos itens relacionados ao capital intelectual são produzidos internamente pela empresa em suas atividades e processos. Assim, algumas convenções contábeis, tais como a da materialidade e a do conservadorismo,

impõem restrições a qualquer tipo de evidenciação que esteja carregada de subjetivismo e que possa comprometer a confiabilidade e consistência exigida das demonstrações financeiras.

Os princípios e as normas contábeis devem acompanhar as alterações que ocorrem nas organizações, orientando e atendendo às necessidades dos usuários da informação contábil. As informações contidas num relatório de Capital Intelectual são de interesse tanto dos usuários internos (gestores), quanto dos usuários externos, especialmente para os acionistas. Considerando que as medições de Capital Intelectual, bem gerenciadas, contribuem para que a empresa possa se conhecer melhor e, conseqüentemente, para o seu aprimoramento, é importante enfatizar quais são as suas utilidades.

Antunes (1999 p. 162) enfatiza que o conhecimento do Capital Intelectual é uma fonte rica de informações sobre a organização como um todo e, em particular, um instrumento valioso para os seguintes aspectos:

- fornecer um foco para programas de educação organizacional e treinamento;
- confirmar a habilidade da organização para atingir objetivos;
- planificar a Pesquisa e Desenvolvimento;
- fornecer informações básicas aos programas de reengenharia; e
- ampliar a memória organizacional.

Do ponto de vista externo da organização, também podem ser identificadas as seguintes vantagens: a) os relatórios contendo indicadores do Capital Intelectual são subsídios valiosos para os analistas e financiadores, em função da projeção da futura capacidade da empresa em gerar caixa; b) para os acionistas, esses relatórios são de fundamental importância, porque, fazendo uso das palavras de Edvinsson, "eles mostram o valor oculto das organizações" que não estão aparentes nas Demonstrações Contábeis; e c) os acionistas podem ter, igualmente, a posição do momento e a visão de futuro, ou seja, as tendências apresentadas pela empresa. E, segundo Antunes (1999, p. 166) "A sua divulgação pode explicar a diferença entre o valor contábil e o de mercado de uma entidade, mesmo não sendo de forma objetiva".

Conclusão

Conforme foi visto, a contabilidade precisa estar sempre atualizada para acompanhar os avanços da economia e assim poder ser útil para as empresas e para os usuários das informações contábeis.

Os modelos tradicionais de contabilidade, que descreveram com tanto brilho as operações das empresas durante meio milênio, não têm conseguido acompanhar a revolução que está

ocorrendo no mundo dos negócios. Apesar de o Capital Intelectual ser um dos ativos mais importantes para a organização, é de difícil administração e avaliação devido sua subjetividade. O desafio da contabilidade para o novo milênio é justamente encontrar métodos e meios de como mensurá-lo e contabilizá-lo de forma eficaz.

A contabilidade deverá continuar atual, moderna e sempre acompanhando as inovações introduzidas no cotidiano. Caminha-se para dias em que será difícil não se entender demonstrações de natureza intelectual, humana, ecológica e social. O valor real de uma empresa está se deslocando de edifícios, estoques e equipamentos para a Era intelectual, o que exige cada vez mais a reformulação da contabilidade tradicional, para que assim possam ser avaliados, com mais objetividade, os ativos intangíveis proporcionando às empresas uma maior realidade.

Para o sucesso das organizações, na Era do conhecimento, os ativos intangíveis são tão importantes quanto os ativos físicos e tangíveis. Se os ativos e as capacidades intangíveis da empresa pudessem ser avaliados dentro do modelo de contabilidade tradicional, e as organizações aumentassem esses ativos, poderiam verificar um benefício maior em toda a sua estrutura organizacional, que envolve fornecedores, acionistas, clientes, funcionários e até mesmo a própria sociedade.

O Capital Intelectual passa a ser uma ferramenta importantíssima para a tomada de decisões do tipo: investir em treinamento, em educação, substituir ou não homens por máquinas, terceirizar ou não etapas no processo produtivo e criar ou eliminar níveis de gerência, entre outras. Apesar das evidências e da importância do tema, não se pode afirmar que o número de empresas cujos sistemas de informações focalizem o Capital Intelectual seja expressivo. Várias questões precisam ser melhor exploradas no sentido de desenvolver e aprimorar essa nova perspectiva gerencial.

Em suma, pode-se concluir que as informações contidas em um relatório de Capital Intelectual são relevantes tanto para os usuários internos quanto para os usuários externos da Contabilidade. Isto se deve ao fato de o Capital Intelectual identificar, de uma forma dinâmica, o potencial da organização no presente e a sua capacidade de gerar benefícios no curto e longo prazo. Até o momento não se identificaram desvantagens, mas apenas algumas limitações, que podem ser consideradas temporárias, além de algumas observações a serem feitas. Deve-se levar em conta, naturalmente, a novidade do assunto. O desafio continua, nenhuma experiência é dada como concluída.

Espero que esse tema em questão seja priorizado no momento atual, para que em futuro bem próximo possamos demonstrar o valor do Capital Intelectual dos Balanços Patrimoniais, bem como mensurar os seus componentes.

Referências

- IUDÍCIBUS, Sérgio de. Teoria da Contabilidade. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- REVISTA EXAME, A Empresa Digital, São Paulo, 15 de maio de 2002, Edição Especial.
- MARTINS, Eliseu. Capital Intelectual: Verdades e Mitos. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Contabilidade. Goiânia. 2000.
- PACHECO, Vicente. O Capital Intelectual e sua divulgação pela Contabilidade de Recursos Humanos. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Contabilidade. Goiânia. 2000.
- ANTUNES, Maria Thereza Pompa. Contribuição ao Entendimento e Mensuração do Capital Intelectual. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.
- DAL PIERO, Fernando Antonio. O Momento é de Proteger e Contabilizar o Capital Intelectual. 25/11/1999.
- EDVINSSON, Leif & MALONE, Michael S. Capital Intelectual – Descobrimo o Valor Real de sua Empresa pela Identificação de seus Valores Internos. 1.ª ed., trad. por Roberto Galman. São Paulo: Makron Books, 1998.
- IUDÍCIBUS, Sérgio de. Teoria da Contabilidade. 5ª ed. Atlas, 1998.
- LOPES, João Francisco. Capital Intelectual – Contribuições à sua Mensuração e Classificação Contábil. 1ª ed. Associação de Ensino de Itapetininga. 2001.
- MARTINS, Eliseu. Contribuição à Avaliação do Ativo Intangível. São Paulo. 1972. Tese (Doutorado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.
- SVEIBY, Karl. Capital Intangível. HSM Management, n. 22, p. 67-70, set/out. 2000